



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resenha sobre:

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n.1, p.81-100, 2012.

Ensinar, produzir conhecimento científico e adoecer: uma realidade de muitos docentes do ensino superior

Por: Celina Oliveira Barbosa Gomes¹

celina.gomes@ifpr.edu.br

O que é preciso fazer para ser bem-sucedido na carreira como docente universitário hoje? Esta é provavelmente uma pergunta que muitos professores ou mesmo estudantes que estão se preparando para isso fazem ao cogitarem a possibilidade de pleitearem uma vaga de trabalho na graduação ou na pós-graduação. Certamente, conseguir inserir-se e atuar nesta modalidade de ensino é um primeiro desafio, mas muitos, uma vez superada esta etapa, se questionam sobre o que fazer para ter destaque como professor do ensino superior. Com o exercício do *métier*, o docente perceberá a relevância que a pesquisa e a produção de conhecimento por meio dela assumem nesta

¹ É doutoranda em Letras na Universidade Estadual de Londrina – UEL, é Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, é Especialista em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS pela Faculdade União Cultural do Estado de São Paulo – UCESP, é Especialista em Letras em Estudos Contemporâneos em Literatura pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, é Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, é Graduada e Licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP e Graduada em Tecnologia em Informática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. É servidora pública federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, professora de Letras Pportuguês-Inglês, lotada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, na cidade de Assis Chateaubriand – PR. É integrante no Projeto de Extensão sobre “Curso instrumental da Língua Brasileira de Sinais”, é integrante do Projeto de extensão sobre “IF-Solidário” e é integrante do Projeto de Extensão sobre Cinema na escola: um olhar crítico sobre a sétima arte”. É autora de artigos científicos na mídia especializada nacional. É autora dos livros “Literatura infantojuvenil africana e afro-brasileira: vertentes” (2017), “Saro-Wiwa e Akpan: narrativas infantojuvenis de resistência” (2017), “O espaço digital como lócus e forma de acesso ao conhecimento de africanidades” (2016) e “Os lugares e ressemantizações da cor em Menina bonita de laço de fita, de Ana Maria Machado: ensinando diversidade cultural na educação básica” (2015). É coautora do livro “Surdez, Educação Bilíngue e Libras: perspectivas atuais” (2016). Publica textos em jornais e revistas nacionais.



categoria educacional; chegará mesmo a privilegiá-las em detrimento do próprio ensino, sua função primordial, isto, voluntária ou involuntariamente. No entanto, apesar de dar maior vãsão às práticas e atividades de investigação científica, o docente deverá proceder à preparação e realização das aulas, bem como atentar para suas implicações (correção de provas e trabalhos, por exemplo), além de participar das atividades concernentes ao funcionamento pedagógico e burocrático da instituição em que atua (reuniões, comissões, participações em bancas, orientações, elaboração, discussão e preenchimento de documentos). O fato é que tudo isso caracteriza-se como um grande volume de trabalho que, na maioria das vezes, o profissional não dá conta de realizar dentro do espaço e do tempo previstos para isso, o que o faz ultrapassar limites como o âmbito da vida privada, os dias e horários de descanso e as capacidades físico-mentais e emocionais. O resultado desta extrapolação é o adoecimento cada vez mais frequente dos profissionais da educação, mais precisamente de professores do ensino superior; tudo em nome de uma produtividade e pró-atividade amplamente difundidas e de uma falsa autonomia e flexibilização na prática docente (o que se vê mesmo na atualidade com as discussões sobre a reforma trabalhista), apoiadas em uma lógica mercantil que se instalou também na educação. Estas são as questões tratadas no texto *Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior*, de Izabel Cristina Ferreira Borsoi.

O trabalho em questão originou-se de uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Espírito Santo no período de outubro de 2009 a março de 2010 e contou com a participação de 96 professores efetivos, vinculados ou não a programas de pós-graduação. Teve como objetivo a discussão da intensificação do trabalho – pela criação de novos cursos de graduação e pós-graduação, mas sem o proporcional aumento de professores – e a forma como isso afetou o modo de vida e a saúde de muitos profissionais que atuam no ensino superior. Para tanto, a autora considerou os reflexos das reformas perpetradas em diferentes setores do Estado, mais propriamente na educação, desde os anos de 1990, as quais pautaram-se, segundo ela, na modernização e no aumento da eficiência (próprias das transformações ocorridas no mundo do trabalho na década de 70) (BORSOI, 2012) e, por conseguinte, no estabelecimento de uma materialização e mercantilização do produto da educação (imaterial, por natureza). Reflexos que se configuraram em uma reestruturação universitária que, em favor da produtividade, de ganhos quantitativos, sobretudo, incorreu no que ela chama de precarização do trabalho docente. Esta deterioração da atividade do professor se deu, de acordo com Borsoi (2012), por questões como a flexibilização de



vínculos, de condições e de relações de trabalho, que, falsamente, sugerem a ideia de autonomia; assim como pelo estímulo à geração e divulgação de resultados, pela competição, pelo acúmulo de tarefas e, conseqüentemente, pela extensão do trabalho para o ambiente doméstico. Causas, portanto, de variados problemas de saúde – físicos, emocionais, psicossomáticos – que, na maioria das vezes, são desconhecidos pela administração e pela própria comunidade universitária, uma vez que, segundo Borsoi (2012), tais problemas só são efetivamente atestados quando chegam a um estágio extremamente crítico.

A autora destaca o desenvolvimento de muitas instituições federais de ensino, como a UFES, no que se refere ao aumento de cursos e de alunos, mas aponta como a demanda gerada por este crescimento é, muitas vezes, negligenciada e absorvida pelos docentes que já atuam nestes espaços. Afirma que esta situação se agrava quando ela se dá no âmbito da pós-graduação, circunstância em que o os professores, além de terem que lidar com um maior número de alunos e de atividades de ensino, terão que “alimentar” a fome das agências de fomento (“estranhamente” os mesmos órgãos reguladores) por produção científica. Nesta esteira, Borsoi (2012) prenuncia o pensamento de muitos debatedores da situação da pesquisa na atualidade, ao dizer da falta de preocupação com a aplicabilidade real e social da investigação científica que, muitas vezes, apresenta-se despropositada, vazia e, claramente, praticada com intenção de inflar estatísticas e egos. A professora também menciona algo ainda mais cruel em relação a esta ressemantização das condições da pesquisa: a instalação e imposição (dentro das universidades, para os docentes) da ideia de que estes parâmetros de produtividade exacerbada e da necessidade de obtenção e divulgação de resultados devem ser praticados por todos, como é ilustrado no excerto a seguir:

Os docentes já internalizaram as regras externas de **produtividade, a ponto de buscar produção elevada por uma necessidade que sentem como própria**, seja para honrar seus compromissos (reais ou imaginários) com a universidade, seja para se manter competitivos diante de seus pares. Embora ainda se sintam pressionados a produzir, **agem como se essa forma de coerção fizesse parte da natureza de seu trabalho e da expectativa normativa da instituição universitária**, não se tratando, assim, de determinado momento histórico do mundo acadêmico. (BORSOI, 2012, p. 90) [grifos meus].

Muitos docentes aderem, então a este *loop* paranoico e mascarado, acreditando que ao seguirem tais diretrizes e posturas estarão sendo, de fato, valorosos, “produtivos”, importantes para a instituição, mesmo que estejam (por vontade ou não) secundarizando a atividade de ensino. Daí, inclusive, a observação de posturas até mesmo antagônicas no corpo docente quanto à atuação no



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ensino na graduação e na pós-graduação: alguns desejam muito lecionar na pós-graduação, pois acreditam que só ela – pelas exigências da produção da pesquisa – pode lhes oportunizar a possibilidade de mostrar o quanto são capazes de gerar frutos; ao passo que outros repelem o quanto podem a condição de professor de especialização justamente por conhecerem as implicações deste trabalho em específico em instituições em que não há um “plantel” docente suficiente para assumir as atividades de ensino, pesquisa e extensão inerentes a este tipo de ensino.

Mas a ideia conveniente e majoritariamente difundida de que há mais valor em atuar na pós-graduação do que na graduação não é vendida por acaso. Tendo em vista as características das atividades de pesquisa e suas implicações (produção de relatórios, testes, escrita e publicação de artigos, participação em bancas, orientações, apresentação de pareceres, leitura e resposta de e-mails, busca por maior qualificação), somadas às já estabelecidas práticas de ensino (a maioria dos docentes ministra aulas na graduação e na pós-graduação), é bem provável que o trabalho do professor aumente e que ele tenha que estendê-lo para a casa, questão também mencionada pela autora. Com o passar do tempo, não há mais distinção, segundo Borsoi (2012), entre o ambiente profissional e o doméstico, inclusive, no que se refere a gastos para a realização do trabalho (uso de computador pessoal, energia, papel). Não há mesmo a distinção entre o que é realmente de responsabilidade do profissional fazer ou não, de modo que, quando, por alguma razão, uma tarefa não se realiza, ele se sente esgotado e frustrado por não ter “cumprido sua meta”; ou se sente igualmente esgotado por ter tentado fazer e não ter sido reconhecido. O esgotamento aqui, segundo a professora, pode ser múltiplo e expressar-se por meio de problemas como dores físicas relativamente corriqueiras, como uma dor de cabeça, até por meio de questões mais sérias, como o estabelecimento de crises depressivas.

Visando, então, analisar como estas questões são vivenciadas no contexto da pesquisa em questão, Borsoi (2012) aplicou um instrumento investigativo aos docentes, obtendo constatações como as seguintes: a maioria dos professores passou (e assimilou) as transformações suscitadas pela reestruturação universitária; mesmo tendo a noção da exigência de produtividade, muitos docentes atuam na pós-graduação, orientando, inclusive, muitos alunos (de 4 a 10) ao mesmo tempo; possuem carga horária de aulas elevada, não obstante estarem na coordenação de programas, de pesquisas e de manter produção científica regular; esta mesma preocupação com a regularidade (quantidade e rapidez) na produção científica pode configurar a queda na qualidade nos trabalhos – monografias, dissertações, teses – uma vez que perde-se o foco sobre a contribuição e justificativas



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reais da pesquisa, a qual, muitas vezes, não se desenvolve no tempo mínimo necessário; muitos não contabilizam atividades advindas de demandas administrativas e mesmo acadêmicas que tomam sobremaneira tempo e energias; instala-se um ambiente de competição, falta de companheirismo entre os colegas, culminando no isolamento de docentes que preferem não se envolver nas atividades da instituição, e em manifestações de certo ego acadêmico e relações de poder; a universidade, que deveria ser lócus da produção de conhecimento a ser aplicado na melhoria da sociedade, torna-se uma prestadora de serviços ao mercado, ao formar profissionais acrílicos, unicamente instrumentalizados para realizar bem as funções por ele ditadas; finalmente, muitos docentes e a comunidade universitária como um todo passaram, em sua maioria, a conceber a educação sob o viés da produtividade, da materialidade, do resultado palpável mais do que do seu efeito nas transformações sociais, culturais, filosóficas e humanas de longo prazo. (BORSOI, 2012).

A primeira leitura do texto de Borsoi (2012) choca por revelar algo que está há tempos diante dos olhos e que é vendido como salutar para a formação da sociedade: a produtividade científica a qualquer custo e que, muitas vezes, beneficia a grupos bem específicos. A segunda e a terceira, mais detidas, são necessárias para se perceber as evidências e similaridades em relação a muitas instituições de ensino, federais, estaduais, igualmente pactuantes deste sistema em que a quantidade, o nicho e o objetivo das pesquisas parecem muitas vezes inusitados ou, pelo menos, precoces demais para se sustentarem; mas que, mesmo assim, se mantêm por atenderem a requisitos no mínimo questionáveis, uma vez que são avaliados pelos mesmos grupos que os propõem.

A discussão apresentada no texto é esclarecedora ainda por demonstrar como a pesquisa, antes tão cara à própria formação profissional do docente, tornou-se moeda de troca, de clientelismo, de associativismo entre “pesquisadores”; isto porque, para estarem no páreo da corrida produtivista, muitos se quer refletem sobre a essência e o impacto dos objetos que estão investigando e dos trabalhos que, um dia, levarão seus nomes. Tanto que, uma vez atuando na docência efetivamente, negligenciam – reitera-se, voluntaria ou involuntariamente – os alunos que passam por suas mãos, bem como a capacidade que teriam realmente de transformar a sociedade ao colaborarem para a formação crítica dos profissionais que futuramente a conduzirão. Negligenciam, portanto, sua vida profissional e, o que é pior, sua vida pessoal, sua saúde, sua sanidade, acreditando que faz parte de seu tipo de trabalho sofrer e “sacrificar-se em nome da ciência”.

É preciso deixar claro que a abordagem analítica dada tanto ao texto de Borsoi (2012) quanto a esta resenha não prescinde do valor, da relevância e do poder de transformação social que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a pesquisa científica possui, bem como da urgente necessidade que o Brasil possui de fomentá-la; muito pelo contrário, atesta-se ser mister o apoio à pesquisa, mas à pesquisa realmente comprometida, madura, séria e desvinculada da conveniência proposta por grupos dominantes que não raro influenciam as agência de fomento; corrobora-se, outrossim, a necessidade de estabelecimento de condições favoráveis para que os professores possam realizar, com seus alunos, pesquisa de qualidade, a qual, certamente refletirá no desenvolvimento do estudante e na prática e formação docentes, sem comprometer sua saúde nem configurar-se um sofrimento.

Mais do que uma mera apreciação do trabalho de Borsoi (2012), deseja-se que esta resenha seja, para docentes universitários atuantes ou não na pós-graduação, estudantes e futuros docentes, administradores e comunidade universitária, bem como para pesquisadores, uma tímida chamada à reflexão sobre que tipo de ensino, pesquisa e extensão se tem praticado hoje; quais são os reais objetivos e justificativas que os movem, quem e por que os realiza, em que condições (de saúde, inclusive) e para quem. Só assim a docência atrelada à pesquisa, e vice-versa, cumprirá propriamente o seu papel: o de formar pessoas para a compreensão e enfrentamento de desafios e para o estabelecimento de soluções necessárias à manutenção do indivíduo, mas também da sociedade.